



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/docencias-rodantes>

Docências rodantes: movimentos espiralares e encantados

Natalia Francisca Pereira Franco[1]

Hannyn Barbara Alves Garcia[2]

Fanuela de Oliveira Vasconcelos[3]

Nereida Tavares Neves Benevides[4]

Caroline Barroncas de Oliveira[5]

Mônica de Oliveira Costa[6]

Daniela Franco Carvalho[7]

RESUMO: Estes escritos ritualizam nossos corpos-territórios femininos por meio de uma costura circular de um almanaque de afetos do grupo de pesquisa Vidar em In-tensões em meio a pinturas, danças, poesias e conexão com a presença de humanos e não-humanos, no intuito de adiarmos o fim do mundo em referência à filosofia ameríndia de Ailton Krenak. Elaboramos esse texto com base na pesquisa narrativa autobiográfica coligadas com os saberes tradicionais de povos originários e por cotidianos que nos rodam coletivamente e que possibilitam uma docência sensível, amalgamada a uma ciência de possíveis encantos e sonhos. Trazemos reflexões na percepção de que Exu é força que conecta corpo e território. A partir das metamorfoses cotidianas e a busca de nos tornarmos obras de arte, constituímos-nos em coletivo-mulher na união em clarezas e considerações de que as práticas de cuidado conosco precisam se amplificar a todas nós, em espirais e redes de apoio e de solidariedade sem fim.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa narrativa autobiográfica. Educação em ciências. Cotidianos. Feminino.



Nomadic Teachings: Spiral and Enchanted Movements

ABSTRACT: These writings ritualize our female bodies-territories through the circular sewing of an almanac of affections by the Vidar em In-tensões research group, amidst paintings, dances, poetry and a connection with the presence of humans and non-humans, with the aim of postponing the end of the world, in reference to Ailton Krenak's Amerindian philosophy. We wrote this text based on autobiographical narrative research connected to the traditional knowledge of native peoples and to the daily life that collectively surrounds us and enables sensitive teaching, amalgamated with a science of possible enchantments and dreams. We bring reflections on the understanding that Exu is a force that connects body and territory. Through everyday metamorphoses and the quest to become living works of art, we shape ourselves as a collective-woman—woven in clarity and care, understanding that the act of nurturing ourselves must ripple outward, expanding in endless spirals and interwoven networks of support and solidarity.

KEYWORDS: Narrative autobiographies research. Science education. Everyday. Feminine.

Docências rodantes

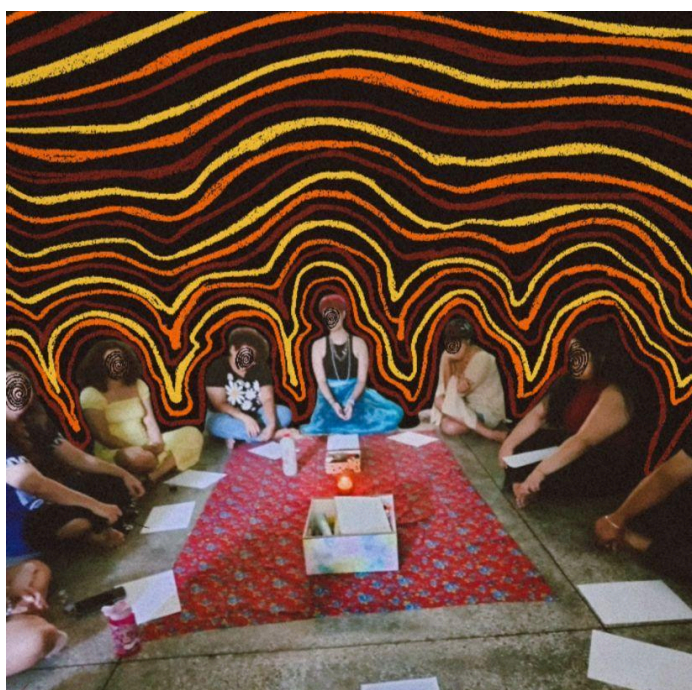
A tinta começa a escorrer na folha do nosso almanaque, misturamos o suor de corpos que dançaram até cansar e gargalhar. É assim que rodamos em produzir docências que giram em torno da vida, que se misturam entre o fazer das tarefas domésticas e as atividades acadêmicas, num ir e vir de conquistas, alegrias, desafios e frustrações, afinal, acreditamos que a vida entendida como aquela que acontece fora das instituições educacionais não está separada do nosso fazer docente. Nossa docência de vários femininos em movimentos coletivos onde nos damos as mãos enquanto professoras que ensinam ciências evocando espaços de convívio singulares e respeitosos a quem somos. Nós: nossos corpos-nossos escritos-nossas artes-nossos pensamentos-nossas vidas, desse modo, entendemos que a docência não cabe em uma linha linear e nem em um único espaço tempo, reiteramos que ela se faz em giros, encruzilhadas e passagens. Nos entre-nós dessas travessias, materializamos aqui a nossa gira-escrita como um corpo-território (Gago, 2020), pensando o corpo como a extensão da própria terra, isto é, da vida, corpo este que é coletivo.



Assim, admitimos que aquilo que acontece com o território também acontece conosco, de tal modo que se manifestam saberes que vêm do nosso próprio corpo em luta, sendo que este não tem limites previsíveis, ele é uma potência aberta e indeterminada (Gago, 2020). Essa luta não é de ressentimento ou combate, mas de alianças que se apresentam como potências incontornáveis, portanto, coletivas.

Para construir uma gira-escrita que seja respeitosa a nós mesmas, articulamos palavras nesse corpo-território que “possibilita o desacato, a confrontação e a invenção de outros modos de vida” (Gago, 2020, p.110). Criamos um pacto com o devir- território, em que não sabemos o que o corpo pode inventar e realizar, fissurando dessa forma determinadas identidades e saberes. O conhecimento nesse ponto é incorporado ao sensível, ético, estético e político, abrindo brechas com outras vidas para não apenas resistir, mas criar um outro modo de (re)existir na docência-vida.

Figura 1: Nós-terra



Fonte: acervo das autoras, 2024.

Pensar a docência atualmente é resistir frente a uma tradição educativa baseada na linearidade, racionalidade cartesiana e a colonização do conhecimento. Diante disso, assumimos o movimento que afirma outros modos de aprender e ensinar, margeados pela vida cotidiana, ancestralidade e



relação dos corpos humanos, não-humanos e mais que humanos. E assim, partimos da pesquisa narrativa autobiográfica para compor camadas e deslocamentos de nós mesmas em uma escrita que se funde às nossas células e evoca um coletivo de mulheres-professoras.

Em escritas de si, circulares em conexão direta com os mundos, com as dores, com a esperança, entendemos que o nosso lugar no círculo, a partir de um amplo campo de visão-atuação, nos torna responsáveis pelo não fechamento dos conceitos em si. Multiplicamos experiências antropológicas a partir da transculturação dos valores ancestrais imbricados. O círculo materializa os ciclos que se abrem-fecham-abrem, considerando a continuidade da vida (Vasconcelos et al, 2024, p. 38).

Em meio a esses deslocamentos, convocamos e nos costuramos com Exu e o tomamos como operador metodológico, já que Exu abre caminhos, nas ruas ou nos terreiros ele é movimento, criação e transformação. Entendemos Exu não apenas como aquele dito da ancestralidade africana: uma entidade que resolve demandas, ou até mesmo como costuma-se colocar por conta do processo de colonização, uma imagem demoníaca. O que nós dizemos, é: que aqui, Exu é entendido como modo de existência (Trancoso, 2024), então ao realizar os cruzos de nosso cotidiano (planejar aulas, lavar roupas, escrever artigos, maternar, dançar em roda) pensamos ciências e docências como práticas que se fazem no entre, no atravessamento.

Nessa escuta, Déa Trancoso (2024) nos inspira ao afirmar que Exu é a própria encruzilhada viva que obriga a parar, escolher, inventar e recomeçar. Ele nos ensina a suspender a linearidade, a habitar o inacabado, a nos abrir ao risco do encontro. Ao lado disso, compreendemos que narrar é cruzar caminhos: viver e contar histórias, reviver e recontar, deixando-se afetar pela experiência (Clandinin e Connelly, 2011). Assim, narrar é um ato de encruzilhada exuística, onde o corpo-território se refaz, inscrevendo e multiplicando vidas. Nesse gesto, ciência e docência deixam de ser fixidez ou representação e se tornam travessia, reinvenção e movimento, tal como o próprio Exu, que sempre desestabiliza e inaugura novos possíveis.

Ao narrar nos constituímos enquanto corpo-território que se faz e refaz em meio a experiência que se inscreve e multiplica vidas. A experiência se desenvolve a partir de outras experiências e essas experiências levam a outras experiências, pois há sempre uma história envolvida, que está sempre mudando. “Aprendemos a nos mover para trás e para frente, entre o pessoal e o social, pensando sobre o passado, o presente e o futuro, e assim agir em todos os milieus sociais em expansão” (Clandinin e Connelly, 2011, p. 31).



Em nossas docências rodantes, essa temporalidade não é linear, mas espiralada. Os enovelamentos dessa teia foram realizados no Grupo de Estudos e Pesquisa Vidar em In-tensões [8], no qual foram gerados narrativas, imagens, artes e rituais que compõem essa gira-escrita costurados em um almanaque de afetos. Nos questionamos: Como habitar a docência a partir dos giros e deslocamentos, criando docências outras capaz de reencantar a educação em ciências? Desse modo, temos o objetivo de, ou melhor, lançamos flechas para ritualizar o giro do corpo-território inspirado na pesquisa narrativa autobiográfica costurada aos conhecimentos afropindorâmicos de Ailton Krenak e outros que entram na nossa gira, como os cambonos Rufino e Nego Bispo. Em Exu vemos deslocamentos de uma força que conecta corpo e o território, então fabulamos uma docência encantada, capaz de multiplicar práticas e cuidado e, assim, adiar o fim do mundo, sendo um gesto enlaçado em uma prática cotidiana de reinserção no tecido da vida, a ritualização do coletivo é um ato de produção de conhecimento e prática vital de cuidado com nós mesmas e com outros que abre caminhos para adiar o fim (se é que tem um).

O encantamento sempre foi tentado tirar da vida, esquecido, pois a modernidade ocidental “produz presença em detrimento do esquecimento” (Rufino, 2019, p.11), afinal, como poderiam ter conquistado o mundo sem contar uma história única (Adichie, 2019)? Existem muitos perigos em contar uma história única, um desses perigos é o desencantamento do mundo, estima-se que o mundo existe há bilhões de anos, então imaginemos como seria possível haver apenas um único Deus, civilização, língua, gingados, e até pior, como poderia qualquer uma dessas existências ser comungada a uma universalização? É nessa cadência que se dá o desencanto do mundo, já que ele não pode mais ser atravessado por espíritos, forças, cosmovisões, mas apenas objetos técnicos a serem dominados, inclusive a Terra, portanto, nós, nosso corpo-território.

Sendo incapazes de cair no esquecimento, somos lançadas na roda de encantos de uma educação em ciências outra, exusíaco, assim, o reescrevendo como encanto já que “Combater o esquecimento é uma das principais armas contra o desencante do mundo” (Rufino, 2019, p.13). Dessa maneira, não esquecer é uma forma de adiar o fim do mundo, enquanto rodamos não esquecemos, operando com Exu temos potência criativa para acabar com a marafunda colonial (Rufino, 2019) pelas encruzilhadas, nas encruzadas de nossos cotidianos - a universidade, escola, casa



- cruzamos memórias, caminhos, saberes e resistimos as violências causadas a Terra (nós), portanto, criamos docências-mundos possíveis ao rodar e nos narrar.

Na educação, cada vida se inscreve em fragmentos. Nesses pedaços de histórias, percebemos que a pesquisa narrativa pulsa na docência, pois abre espaço para que o vivido se torne conhecimento, para que a experiência se desdobre em aprendizagem e para que o corpo-território docente se reconheça como encruzilhada em constante reinvenção. “As pessoas vivem histórias e no contar dessas histórias se reafirmam. Modificam-se e criam novas histórias. As histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros” (Clandinin e Connelly, 2011, p. 27), é nesse movimento que giramos nossas docências rodantes e entendemos a narrativa autobiográfica, numa construção coletiva da vida, ao nos contarmos, não evocamos apenas uma memória individual, mas com e de outros, portanto, também é um modo de não ficarmos reféns do esquecimento, não apenas nosso, mas de um coletivo, de uma história não única.

É na experimentação que percorremos o caminho da pesquisa, da docência, da vida, e quando convocamos a pesquisa narrativa autobiográfica evocamos corpos-territórios a se manifestarem em escritas vivas que experienciam a própria sensibilidade de estar na presença do momento em que ela acontece. Escritas autobiográficas que se movimentam “em efeitos de recorte, de extremidades brilhantes e muitos rabiscos de lápis, sempre com propensão de esfumçar-me e de borrar ideias que ouse me fixar em uma perspectiva única” (Oliveira, Costa e Aikawa, 2023, p. 20).

Nossas escritas a muitas mãos, convocadas pelas narrativas autobiográficas podem ser consideradas como uma fabulação coletiva, que para Gago (2020, p. 64) “é um modo de desmontar, criticar e esmiuçar as origens que consagram nosso lugar secundarizado - descrito como natural, pré-político e em geral emudecido - e consiste também em contar outras histórias”. Dessa forma, apresentamos movimentos inventivos elaborados a partir de nossas experimentações nesse corpo-território da pesquisa que giram e rodam na produção de nós mesmas, em: primeiros giros, giros encantados, giros sem fim.

Primeiros giros...

Intensa demais, apontaram aqueles que sentiram a força dos meus ventos e
acharam que era só brisa
Profunda demais, disseram aqueles que nem chegaram a molhar os pés em minhas águas



Bocuda demais, falam aqueles que se aproveitam de minhas palavras,
mas não suportam o peso de minhas lâminas
Sensível demais, julgam sem sentir o calor do meu abraço
pois visitaram o desabamento de algumas muralhas
Me querem comportada, apaziguada em silêncios,
calada mas quando meus ventos prosperam querem sentir a brisa
encostam em minhas nascentes e querem se banhar
mas sem sentir a imensidão das minhas águas e
sem acolher o sobe e desce das minhas marés
Desobediente é o giro da palavra que dá gargalhadas na minha boca
Quem não pode com rodopios não brinca de ciranda
(Natália Esteves, 2024)

As intensidades que saem de nossas bocas nos fazem rir com aqueles que estão dispostos a gargalhar, a brincar de rodar. Os encantos do cotidiano só são possíveis para aqueles que permitem serem sensíveis. Pois, existem afetos que estão para além do dito, do escrito, algo que pode ser sentido, mas não descrito. Dessa forma, compreendemos o movimento cosmológico, como algo que é possuidor desse movimento cíclico infinito de nós e quando deixamos o cosmo possuir sua encantaria, nos permitimos saber e deixar ser o encanto da vida, pois são nos cruzos cotidianos “que surgem as possibilidades de encanto” (Rufino, 2019, p.131). Nas docências rodantes não sabemos onde vamos chegar, talvez seja essa a nossa sina, nosso primeiro giro: as encruzilhadas. Tirar os sapatos, dar risada, acender a vela, queimar o incenso, ouvir música e seguir a vibração do próprio coração, dar as mãos, respirar, sentir o ar, a terra, água e o fogo, pincelar docências outras, pedir licença e rodar, começou o ritual de se abrir para as encruzilhadas, logo, para a vida e o cotidiano, pois não são feitos de caminhos retos e mapas acabados, mas de potências, permitir a circulação da encruzilhada é ter abundância de possibilidades celebrando o fato de que a vida não está predeterminada, ainda mais que:

O fato é que a humanidade sempre encarou os caminhos cruzados com temor e encantamento. A encruzilhada, afinal, é o lugar das incertezas, das veredas e do espanto de se perceber que viver pressupõe o risco das escolhas. Para onde caminhar? A encruzilhada desconforta; esse é o seu fascínio. O que dizemos dessa história toda é que as nossas vidas nós mesmos encantamos (Simas e Rufino, 2018, p. 23-24).

Então, como afirmam Simas e Rufino (2018, p.24), a encruzilhada é o lugar das incertezas e o seu fascínio está ligado no desconforto da escolha, sendo assim, é preciso praticar o rito de se abrir a ela com respeito e coragem. É assim que praticamos a docência rodante nas encruzilhadas: aceitando o imprevisível, confiando que o próprio ato de girar, de dançar entre as possibilidades, é



onde “nós mesmos encantamos”, dessa forma, a vida é mais sobre dançar no cruzo, permitindo-se ser possuído pela encantaria do cosmos.

No movimento cíclico de nos reinventar, rodamos para nos deslocar, para esbarrar no pé do outro causando incômodos, mover-se em rodopios tem dessas, pois faz parte de experimentar movimentos outros, de ser cosmos, de carregar o passo cheio de encantaria. Cotidianamente enfrentamos os momentos de querer desistir, fugir com medo, afinal, somos tão teleguiados por uma lógica de controle, que os caminhos desconhecidos assustam, mas às vezes precisamos sentir as dores para que os momentos de alegria ressoem mais alto em nossos corpos-territórios, pois assim aprendemos. Cabe a nós olhar para a beira do abismo da vida e decidir se jogar ou não, até mesmo ficar olhando para a profundidade que é. A partir desse momento o olhar para a vida encantada passamos a dançar e os sonhos já não acontecem apenas quando dormimos, mas para sonharmos acordadas é preciso descolonizar primeiro nosso corpo, abrindo espaço para outras visões de mundo.

Sonhar é uma prática que pode ser entendida como regime cultural em que, de manhã cedo, as pessoas contam o sonho que tiveram. Não como uma atividade pública, mas de caráter íntimo. Você não conta seu sonho em uma praça, mas para as pessoas com quem tem uma relação. O que sugere também que o sonho é um lugar de veiculação de afetos. Afetos no vasto sentido da palavra: não falo apenas de sua mãe e seus irmãos, mas também de como o sonho afeta o mundo sensível; de como o ato de contá-los é trazer conexões do mundo dos sonhos para o amanhecer, apresentá-los aos seus convivas e transformar isso, na hora, em matéria intangível. Quando o sonho termina de ser contado, quem o escuta já pode pegar suas ferramentas e sair para as atividades do dia (Krenak, 2020, p. 20-21).

O que cabe a nós professoras-pesquisadoras-filhas-mães-e-e-e então sonhar? O que queremos compartilhar e afetar? Afinal, temos tempo para contá-los? Quando contamos um sonho, realizamos um processo de transformação: ao ser compartilhado, ele deixa de ser apenas pensamento e passa a integrar um todo, criando conexões com quem o escuta. Se as docências rodantes nos jogam na encruzilhada do imprevisível, é preciso também sonhar com os olhos abertos. O sonho, assim, se torna uma ferramenta narrativa necessária para enfrentar o mundo, pois, como bem lembra Krenak (2020), é nele que nos conectamos com o intangível, permeado por afetos, sensibilidades e encantos. Entendemos que “nos fazemos de sonhos, pois eles são feitos de matéria viva. Sentir a mata em nós, conexão corpo-ancestralidade, pisar na terra, pés descalços,



entrar na mata – render-se ao encontro/encanto, fechar os olhos, deixar-se guiar” (Oliveira; Vasconcelos; Carvalho; Costa, 2025, p.34).

Contudo, muitas vezes só nos permitimos sonhar quando estamos dormindo. Vivemos em um mundo que valoriza o progresso, a utilidade e o consumo exacerbado, e acabamos sendo capturados por ideias colonialistas que se enredam ao capitalismo e às suas verdades. Essa lógica restringe até mesmo nossa capacidade de sonhar e desejar outro tipo de mundo, de vida e de docência. Foucault (2022) já sonhava com Artemidoro, que propõe a etimologia do *oneiros*: aquele que, ao dizer, já está sendo, e que poderá vir como acontecimento no futuro. Os sonhos têm a potência de modificar a alma, moldá-la e modelá-la, pois nela habitam os movimentos que nos afetam e nos provocam.

Em nosso professorar, vivemos experimentando os giros da roda da vida, que nos fazem sonhar com uma educação potente, vibrante e alegre. Essa educação impulsiona nossos corpos em caminhos e descobertas, navegando em um rio de possibilidades criativas e inventivas. Ao nos aproximarmos das margens, lançamos sementes que, ao tocar a terra úmida, crescem e florescem sob a suavidade do sol. É com esse sonho de ensinar ciências na Amazônia que somos provocadas a desconstruir certezas e a acolher novas possibilidades de ser e estar no mundo.

Nesse horizonte, o sonho é tomado como matéria de vida múltipla e coletiva. Cada gotícula escrevível se en-canta em fluxos vitais de grãos, partículas, ambiências, arranjos corporais e composições vibracionais, materialmente oníricas e co-implicadas. Cada transmigração nanoafetual, cada afetação cosmicamente nômade, sonha nossos arranjos corporais, fazendo-nos acontecer enquanto composições encantadas (Dani-Vi, 2024, p. 9).

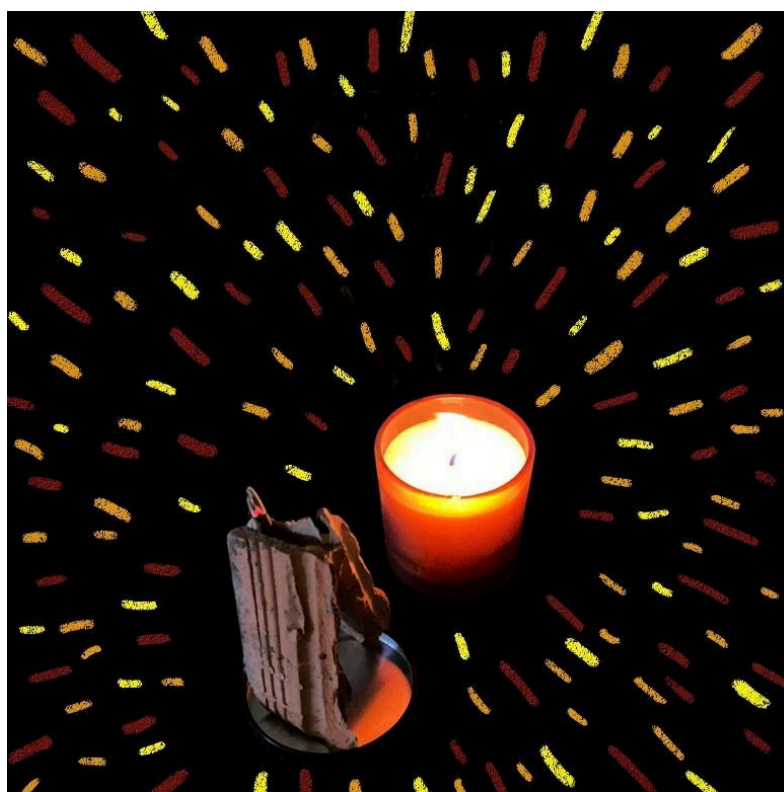
Assim, confabulamos oniricamente encontros de sonhos coletivos que nos atravessam como mulher-professora-pesquisadora-sonhadora. Buscamos, na experiência do cuidado de si, existir ética e esteticamente, pois, como “ressaltam as análises foucaultianas, o cuidado de si reverbera em modos de criação sociais e políticos, apontando sempre para o exterior e refletindo a vida de cada um em relação a outras vidas” (Oliveira; Costa; Aikawa, 2024, p. 15). Cada nascer do sol, portanto, se torna encontro de vidas e sonhos que se materializam em possibilidades.

Entre essas possibilidades, nos mobilizamos por experimentações que promovem encontros sensíveis entre nós e o que nos habita, entre mulheres que disparam-vivem e vivem-disparam outros modos de existir e coletivizar a vida. Uma dessas experimentações foi celebrar o encontro do grupo de pesquisa por meio das Danças Circulares Sagradas (DCS), que são “expressões



vivenciadas em roda e cujo vocabulário corporal busca linguagem nas danças tradicionais dos povos e nas danças contemporâneas” (Menezes, 2022, p. 22).

Figura 2: Docência Cósmica



Fonte: acervo das autoras, 2024.

Ao formarmos o círculo, exercitamos o ritmo, a troca de olhares e sorrisos, e aprendemos que, independentemente de erros e acertos, a roda continua fluindo. Nesse fluxo de entrega, “os corpos se deixam atravessar intensamente pela música, pela dança e pela calibragem da energia, sentindo-se parte de uma composição de singularidades em um todo imensamente potente” (Menezes, 2022, p. 23). Embaladas por esse sonho, nos encontramos para movimentar corpos e girar a roda da vida, fluindo entre possibilidades de pesquisa e compondo aprendizados oníricos para o grupo de estudo e pesquisa Vidar In-Tensões. Somos atravessadas pelas encantarias, mas, muitas vezes, também capturadas pelos desencantamentos que a vida capitalista insiste em impor. Ainda assim, é no sonho - essa matéria de vida - que nos lançamos ao exercício coletivo de resistir e criar. Pois, “Ao nos fazermos sonhadoras, com o corpo inteiro atravessado por memórias, afetos,



rupturas e encontros, percebemos que sonhar não é escapar do real, mas afirmar a possibilidade de outros possíveis de viver em modos de reexistências” (Benevides; Oliveira; Costa, 2025, p.14).

Esvaziam-se os afetos inerentes à docência, e alguém nos impõem como deveríamos viver, agir e sentir. Quando adentramos na pesquisa, no grupo de estudos, na macumba, na encantaria, nas ervas, nos sonhos, nos conectamos com a vida para além do que é considerado útil para sociedade. A humanidade tende a se perceber superior aos demais seres, mas não se sente parte do cosmos. “Os humanos são os eurocristãos monoteístas. Eles têm medo do cosmos. A cosmofobia é a grande doença da humanidade” (Bispo dos Santos, 2023a, p. 16). Nesse contexto de epistemicídio e colapso, temos nos constituído em movimento, girando frente a tudo isso, em nosso coletivo-mulher ao:

- Materializarmos através de nossos corpos encantos de uma docência rodante através de estudos, experimentações e desvios que giram ideias fixadas que acinzentam e emolduram nossos encantos;
- Borrarmos as ideias formativas/constitutivas baseadas no domínio teórico;
- Habitarmos uma porosidade da universidade que cria fluxos vibrantes e potentes que fazem girar-viver modos ritos, círculos, celebrações, meditações, experimentações ... de uma vida alegre e amorosa;
- Inventarmos vidas ao alinhavarmos ficções circulares de danças que rodopiam com o devir.

Nesse sentido, nos alinhamos, costuramos, tecemos, rodamos junto as perspectivas afropindorâmicas e nas/das diferenças em busca de autoformação docente traçada pela capacidade de fabular educações vivas e de múltiplos sentidos, buscando borrar traços coloniais que são recorrentemente presentes em nosso corpo-território.

Uma das ideias colonialistas presentes em nosso modo de vida é a de que tudo tem um início e um fim, seria mesmo a única perspectiva de viver? Seria o discurso presente do ciclo de vida em nossa constituição de pensamento como: nascer, crescer, reproduzir-se e morrer o que nos definiria enquanto ser? Muitos debates são estabelecidos dentre a questão da reprodução, mas o fim é praticamente indiscutível em uma sociedade pautada em pensamentos modernos. Perante as cosmopercepções indígenas, percebemos que nossas conexões atravessam o espaçotempo,



costuramos e rodopiamos o cosmos não apenas guiados pelos nossos ancestrais, mas com a tentativa de tentar olhar o mundo pelos olhos deles, dançar com seus pés. Nessa dança cósmica, Exu abre a mesa para que possamos seguir por outros caminhos e nos sincronizamos a Ailton Krenak, pensador indígena contemporâneo, crítico dos valores ocidentais que ainda fabricam e marcam nosso corpo com seus ideais mercadológicos e totalizantes, que a cada dia que passa faz a natureza sangrar, já que devido a essa cultura colonizadora os seres humanos se tornaram hostis em relação ao que é considerado não-humano, sua utilidade está apenas em ser explorada para servir de matéria-prima, gerando uma separação com o cosmos.

Krenak (2022) nos invoca a saltitar nesta dança cósmica junto com os rios e conseguimos adiar o fim do mundo. Diferente dos valores ocidentais que afasta e hierarquiza a relação humano-natureza, o autor mostra que a relação dos povos indígenas com o rio e os não-humanos, de modo geral, é de comunhão.

O rio é visto como um ser vivo, que fala, anda, ou melhor, flui, é detentor de uma sabedoria ancestral, essa que somos levados a engavetar. “Os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui” (Krenak, 2022, p.8). O que se considera um porvir quando pensamos para além das lentes antropocêntricas, o “futuro” já era presente nas formas de vida dos povos originários antes mesmo das cidades modernas como conhecemos agora. As cidades se expandem sobre os rios sem respeito, embora os humanos sempre tenham vivido ao redor das águas, mas com elas quase nunca fluem, nunca escutam, é o chamado, escutar o ronronar, a música do rio para que possamos “conjuguar o nós: nós-rio, nós-montanhas, nós-terra” (Krenak, 2022, p.9), assim, a natureza vive em nós, não existe humano e rio separados, são um só. O nós-rio narra suas histórias em sonhos, para nós-gente conjugarmos com os não-humanos e mais que humanos temos que sonhar em vida.

Os cosmo-fóbicos sentem necessidade de controlar a vida, inclusive impõem uma certa linearidade nela. Esse controle, de certo modo, leva ao apagamento das percepções que são consideradas “inferiores”, ficando à margem, muitas vezes consideradas lunáticas pelos padrões colocados, mas talvez sejam da lua mesmo, absorvem sua luz e essa centelha brilha nos espaçotempos que se refletem nas andanças em constelação (Krenak, 2020). Essas percepções do mundo da lua, as



cosmovisões, por meio de suas andanças estelares mostram que há muitas maneiras de contar e criar o mundo, seja pela forma mais conhecida no ocidente, essa sendo a mais privilegiada, ou aquelas que estão escondidas nos mistérios da circularidade da vida.

Diante disso, Krenak (2022) propõe uma cartografia para depois do fim, no qual é possível pensar em mapas não somente geográficos, mas também espirituais, cheio de linhas daqueles que ficam à margem, como os povos quilombolas, afropindorâmicos, de terreiro, que não entendem a vida como um fim. Inclusive o pensador indígena nos provoca ao indagar que essa crença no “fim”, de como será o “fim” é uma questão que nos induz a não sonhar mais, de modo que acaba se tornando um perigo pois “dentro dos nossos sonhos estão as memórias da Terra e de nossos ancestrais”(Krenak, 2022, p.20).

Nesse caminho, o autor mobiliza a criar outras narrativas que confluem com a natureza, o cosmo, os encantados, que inclusive são colocados por vezes como algo endiabrado por desafiar as lógicas ocidentais, tirando do centro somente a figura humana, colocando outros corpos que estão para além da compreensão binária da vida. Como o corpo-território que caminha por mundos às vezes sem ter ideia de sua potência, que se colidem na esperança de afetar e ser afetado para outros modos de viver. Para isso, se faz necessário voltarmos para o corpo, sendo este o nosso único ‘equipamento’ necessário (Krenak, 2022) para dançar nesses outros mundos, atravessados pelos eternos começos, então em nossas docências rodantes sonhamos um corpo rio, fluxo constante de cruzos.

Em relação a isso, Krenak cita ainda as ideias do pensador quilombola Nêgo Bispo, como possibilidade para criar narrativas que fazem o pensamento colonial titubear em meio àquilo que ele chama de confluências. A confluência é vital para que façamos cartografias afetivas (Krenak, 2022), perpassando as metamorfoses que não se tratam apenas de uma adaptação às circunstâncias perante a iminente ameaça de fim do mundo, e muito para além dessa ideia de finitude, mas de uma transformação profunda e conectada aos seres de todo o cosmo. Essa transformação está ligada ao reconhecimento, que para além da lógica imposta, a vida não é algo fixo, mas um fluxo constante e sem fim, já que “não vamos deixar de morrer ou qualquer coisa do gênero, vamos, antes, nos transfigurar, afinal, a metamorfose é o nosso ambiente, assim como das folhas, das ramas e de tudo que existe”(Krenak, 2022, p.23), portanto devemos aceitar que a



morte é inevitável, no entanto, não é o fim, mas um novo começo, que com fios afetivos galgam o espaçotempo.

Com Bispo dos Santos (2023a), somos levados ao acaso ignoto da natureza circular da vida. Espiralamos na roda, compomos experimentações em coletivo-mulher no grupo de pesquisa Vidar em In-tensões. As experimentações nos colocam em experiências e criações vivas de narrativas de pesquisa, docências que sonham e se encantam. Em nosso grupo de estudo e pesquisa faz parte de viver a encantaria, utilizarmos dos elementos naturais, da vida, da terra, das folhas, das águas. Pedimos licença para usufruir dos seus encantos e agradecemos a sua aliança devolvendo-lhe a natureza. Um rito, respeito por aqueles que nos ajudam e nos ensinam. Pois “a vida é transcendência, está para além do dicionário, não tem uma definição” (Krenak, 2020, p. 15).

Nos conectamos com aquilo que é imanente a nós, os elementos do cosmos, a terra como o anseio original (Bispo dos Santos, 2023a), a qual foi desprezada pelos humanistas e, a qualquer sinal de sujeira, é preciso desinfetar e limpar num movimento que se desconecta da natureza. Não se permite o caos, pois não há coragem para enfrentar o desconhecido e permanece-se em inércia.

Se a encruzilhada é o lugar da possibilidade, então o caos é a sua matéria-prima. Ao contrário da lógica que prega ordem e controle, caminho reto, nós do coletivo, aprendemos a nos nutrir da energia imprevisível. Nosso ritual é uma pedagogia do caos, do encantamento e espiralar. Pois, “o caos não é um estado inerte ou estacionário, não é uma mistura ao acaso. O caos caotiza, e desfaz no infinito toda consistência” (Deleuze e Guattari, 2010, p. 53). O caos é o espaçotempo em que habita o infinito que pode surgir os novos conhecimentos, pois nele que encontramos tudo que podemos imaginar, inclusive o diferente e o que ainda não foi visto, é princípio de criação incessante. O corpo ao ser lançado ao caos rodopia na criação de acontecimentos encantados, que podem ser sonhados, o caos é onde habita os fios que não estão destinados, mas são fiados na roda. A cosmofofia é também o medo deste caos cósmico. Há uma necessidade de controlar a vida-educação, limpar toda sujeira fértil da terra e achatar em um único caminho reto e sem surpresas.

Dessa forma, compreendemos como o cotidiano está ligado ao caos, pois quando o corpo se dispõe a viver antes de pré-estabelecer seus resultados, causa o estranhamento, o desconforto, nosso coletivo se abre a isso, então rodamos, rodamos, rodamos...praticamos um caosmoso, a



aceitação amorosa do caos e seu movimento. No cotidiano da docência a vida vai acontecendo, é o movimento de estar existindo, criando, fazendo dos detalhes que pareciam até então pequenos, um ritual, para dar sentido e significações para ele, desse modo, quando giramos e abrimos mão de roteiro prévios, permitimos que o corpo-território seja afetado pelo inesperado. O cotidiano está para além dos automatismos que pode se ter em uma rotina, pois é preenchido por todo o caos, é nele que o caosmosroso acontece, de não saber o que irá acontecer em um dia, hora e local, pois de repente a sua vida pode ir da normalidade rotineira para outro movimento não esperado, bom ou ruim, não importa, pois, o considerável é estar aberto para conjugar com o caos.

A sociedade moderna, é claro, tem aversão ao caos. Mas por mais que ela tenha tentado, através da engenharia, construir um mundo material à altura ou seja, um mundo de objetos discretos e bem ordenados, suas aspirações são constantemente frustradas pela recusa da vida em ser contida (Ingold, 2012, p.36-37).

Nossos giros, nosso ritual são a recusa dessa “vida contida”, é neles que encontramos frestas e forças para nos deslocar, esbarrar um nos pés dos outros e aprender a lidar com o desconforto. Girar no caos é confiar que mesmo os tropeços são passos de um aprendizado sensível, é não pedir mais licença para viver, não dicotomizar: trabalho e vida, universidade e casa, ciência e macumba. Aliás, no fim das contas “A ciência sempre teve um tanto de macumba” (Rufino, 2019, p.27), seus rituais e crenças, então também temos nossa ciência encantada aquela deixada nas margens, ‘supersticiosas’.

Mesmo que a ciência monoteísta tente de todas as formas esconder o caos, ela não consegue, pois, o caos é onde brota a criação. Nossa roda, inspirada na filosofia da diferença, busca recortar a própria noção de ciência, não para negá-la, mas ampliá-la, tornando-a porosa para o que se pode pensar, fazer e, principalmente, sentir. Quando uma determinada ciência se arroga como única possibilidade de pensar, se torna uma ameaça ao pensamento, aos giros, portanto, a vida entendida como essa fusão espiralar. À procura de outras funções, pela filosofia da diferença, pode ser recortada por essas diferentes formas de se pensar, fazer e sentir. Importa dizer que não se trata de negar os conhecimentos que a modernidade consolidou, mas de compreender que, ao habitar pedagogias do caos, dançamos também com Exu - senhor das encruzilhadas, do trânsito e do imprevisível. As respostas da ciência, por mais firmes que pareçam, carregam em si a brevidade das coisas vivas: mudam de pele, trocam de corpo, atravessam. Nada é estável por muito tempo. Por isso, mais do que buscar uma verdade definitiva, é preciso abrir-se ao



movimento, aceitar o desvio, aprender com Exu a olhar o mundo e a vida por outras lentes, aquelas que acolhem a dúvida, a invenção e o espanto.

Como lembram Andrade, Caldas e Alves (2019), é nos cotidianos que somos convocadas a aguçar nossos sentidos de olhar, ouvir, tocar, cheirar e degustar tudo que traça nossos caminhos. É nesse meio, aparentemente trivial, que buscamos ir além do já sabido e grandeza nos acontecimentos que se repetem ou modificam, transformando-os em *conhecimentossignificações*. Utilizando de conversas com *‘praticantespensantes’* buscar trazer imagens e sons entrelaçando a vida e o viver, por isso em nosso coletivo não separamos vida e pesquisa.

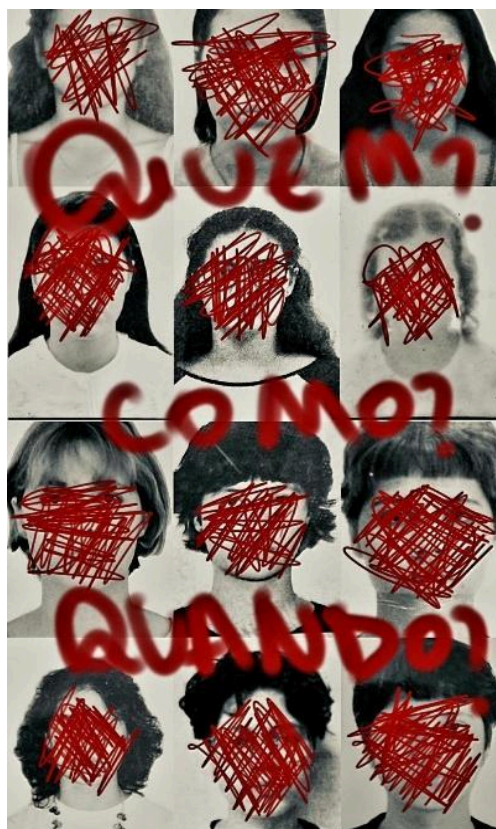
Há quem pense que rotina e cotidiano são o mesmo, porém, a rotina acontece quando o corpo está imerso a uma estrutura. O cotidiano, pelo contrário, foge das estruturas de uma rotina, onde podem surgir outras formas de subjetividade, a rotina é uma estrutura, já o cotidiano é a vida que escapa pelas frestas. Pelo fato de compreendermos que o cotidiano é e está imerso em uma vivência que não se sabe o que poderá vir, compreendemos que assim como a arte, a filosofia e a ciência, o cotidiano também tem suas potências criadoras. O cotidiano é um *espaçotempo* onde pode surgir acontecimentos, sendo eles potências alegres ou tristes. São esses acontecimentos que nos transformam: um sonho compartilhado, a vela que entra em fusão, a folha que cai na roda e tudo isso viram temas de nossas discussões.

Isabelle Stengers (2023) fala de como fazer a ciência lenta é um desafio, tendo posto que o lema da ciência rápida é “Não perca seu tempo com perguntas bobas, perguntas que não podem ser reduzidas a termos científicos, isso seria trair seu único dever, o avanço do conhecimento” (Stengers, 2023, p. 144). Diante disso, nos contrapomos a esse lema para não perder tempo com perguntas bobas. A aposta de nosso coletivo é de que os processos de compreensão, escrita e conhecimentos científicos, deveriam ser orgânicos, não somente ordenados e estruturados por uma única lógica, no caso a cartesiana. Entendemos que uma ciência de encantos é um processo de um trabalho artesanal, orgânico, quando feito de forma acelerada, acaba atropelando as potências do caoscotidiano que poderiam vir a ser. Então, quando paramos para ouvir histórias em nosso coletivo, deixamos o corpo fluir na roda, pintamos em coletivo ao invés de apenas debater teoricamente, valorizamos os silêncios e a digestão de ideias, sem pressa para ter um produto



final, essa é uma possibilidade de lentidão de uma ciência orgânica. É assim que ao mesmo tempo que descobrimos e aprendemos, nos constituímos.

Figura 3: Quem? Como? Quando?



Fonte: acervo das autoras, 2024.

Nosso processo de autoconstituição já não se define com tais perguntas “quem, como, quem”, pois somos múltiplas, estamos sendo corpos efêmeros, artesãs de nós mesmas. “Estamos sendo começo, meio e começo” (Bispo dos Santos, 2023a). Afinal, estamos cansadas de dicotomizar tudo e de competir pelo poder. Deixamos de respirar apenas por que estamos se está fazendo outra atividade? Talvez seja isso, mesmo que não estejamos exercendo a docência em determinado momento estamos existindo e nossa constituição também é docência e pesquisa. Por isso,



respiramos por todas as vias, estamos sendo várias em muitos momentos. Não somos ninguém além. Somente seguimos em rodopios.

Cícero Lins (2011) já cantava, “mas tudo bem, o dia vai raiar para a gente se inventar de novo e o mundo vai nascer de novo”. Dessa forma, nos renovamos diariamente, amalgamamos nossas vidas, ciências, docências, pesquisas. Almejamos uma Educação em Ciências pelos respiros do encanto: queremos o bio, experimentações, tocar na terra, vibrar com os animais, e nos encantarmos pelo cosmos, sentir, cheirar, saborear tudo que a vida tem para nos proporcionar e desejamos tudo isso em coletivo, com quem quiser nos acompanhar. Queremos uma docência que rodopia e sonha. Portanto, sigamos para a encruzilhada dos encantados.

Giros encantados...

Em confluência com Bispo dos Santos (2023a) temos a compreensão que os pensamentos retangulares limitam nossos passos. Os espaços circulares agregam muito mais nossos pensamentos, pois nele podemos olhar para cada um de nós e ver a diversidade que nos rodeia, por isso nos diferentes cotidianos carregados de encantos sempre há uma roda, “a capoeira é rodando, o samba é rodando, o batuque, a gira nos terreiros de umbanda e de candomblé... Tudo para nós é rodando. Tudo para os colonizadores é linear. É um olhar limitado a uma única direção” (Bispo dos Santos, 2023b, p. 12).

A vida moderna parece nos convidar a reflexões sobre um retorno aos modos de viver dos povos tradicionais, como um saudosismo esperançoso. Uma sensação que talvez possa nos lembrar de como vivíamos com o satisfatório ou suficiente para a sobrevivência individual e coletiva de modo mais próximo do pacífico, do saudável, do harmônico.

A lógica do ter e o medo das interações nos fechou em formas angulares, em estruturas de interpretações que acabaram nos limitando nas nossas vivências e consciências. O resultado emocional desta equação social atual é uma geração conectada em rede, porém desconectada de si mesma.

Contemplando estas palavras através de nossos olhares como pesquisadoras, o convite rodopia, transformando-se em um chamamento para refletir-se sobre os modos de viver na



conexão-pesquisa. Partindo de uma filosofia de vida afrodiáspórica, se torna necessário, antes de tudo, entender que estes povos não acreditam no fim. Nada tem fim, existem possibilidades em tudo e em toda caminhada.

A maneira circular de ser, de pensar, de fazer e sentir é comum tanto no cotidiano quanto nas cosmovisões das comunidades tradicionais de matrizes africanas e indígenas. Por exemplo, as pessoas que participam de uma gira, ou seja, o culto ritualístico comum de religiosidade dos povos de axé, proferem suas rezas através de cantos e danças em roda. Estes participantes do círculo são chamados de “rodantes”. Estes, ao envolverem-se, concentrados nos cantos e danças circulares, em um certo momento entram em transe.

É o sujeito em transe, intempestivo, sem território, que não é mais centrado, moldado, produtor de um conhecimento contido e definido. Ele não recusa o prazer e a sensibilidade em prol de uma educação civilizadora que busca adestrar os sentidos e os desejos sexuais. Esse novo sujeito é um ser em devir, que se reinventa a partir de identidades flutuantes, estando sempre em estado de vida e de morte (Silva, 2011, p.43).

O transe exige um alheamento momentâneo ao espaço e às pessoas ao redor, para que haja conexão do estado de presença com as energias humanas e não-humanas que se encontram disponíveis em um processo de sintonia de ondas magnéticas que provocam, como em um encanto, o surgimento de movimentos, palavras, conselhos, ensinamentos e sensações produzidas e manifestadas pelos rodantes.

Neste sentido, lança-se o desafio de se pensar, em nosso rodopio epistemológico de gira-escrita, como docentes-pesquisadoras-rodantes:

Em nossos caminhos de expressão, o que fazemos e como fazemos para entrar no transe da escrita narrativa e conseguir superar os estímulos dispersantes das rotinas e cotidianos? Aliás, que cotidianos queremos girar para a nossa docência-pesquisas? Será o do acelerado ou o do que é aquecido pelo próprio calor da vida?

O que fazemos para nos conectar com nossas pesquisas narrativas autobiográficas?

Em nossas docências rodantes, quais as ensinanças que desejamos produzir e manifestar em nós e aos outros? Estas buscam quais sensações, problematizações ou respostas momentâneas?



Conseguimos, através destas sensações, crer nas diversas possibilidades de conexões enfeitadas pela boniteza do vidar no cotidiano da pesquisa?

Foi com esses pensamentos que rodopiamos, experimentamos e experienciamos, abrimos a roda para girarmos e nos conectar, conosco, nossas pesquisas, docências, e a partir dessa sensibilidade, sentir o cheiro das ervas que perfumavam o local, inalando a fumaça das encantarias, sentindo as vibrações de nossa ancestralidade que permeia? Naquele momento sentimos, cheiramos, ouvimos e nos conectamos pelo toque das mãos, que ao mesmo tempo, recebiam e doavam energia, sentimos o calor das intensidades que reverberava em cada uma, o suor escorrendo nas mãos, enquanto dizíamos palavras que nos conectavam com nossas docências e pesquisas. Ouvindo músicas que nos conectavam com nossa encantaria.

Giramos em movimentos ritmados que aos poucos entraram em sincronia, dois passos para o lado, um passo para frente, dois passos para o lado, um para frente, dessa forma, cada uma dizia em uma palavra que conectava a si e sua pesquisa/docência. Em volta da vela iluminamos para abertura de uma outra conexão, o nós-docência e o nós-pesquisa [9].

Após esse sonho, conversamos sobre nossas pesquisas-docências, pois assim como nós elas fluem sangue, são uma parte outra de nós, que pulsa e tem sua própria vida, com seus próprios desejos. Desejos de afeto, de pensar e viver no coletivo, de resgatar nossa ancestralidade, desejo de sonhar, de apreciar a beleza do cotidiano, de conjunto as cosmo percepções afropindorâmicas inundar-se da inauguração de ciclos, que não possuem nem começo, nem fim (Fig.4).

(Re)conectarmos o que é imanente a nós, que através desses momentos nos fazemos artesãs, costureiras e artistas de nossas pesquisas-docências, retornamos ao nosso estado nós-árvore, nós-terra, nós-rio, nós-vento, nós-sol. Por meio de meditações que nos permitem olhar para a ciência como criadora de potências alegres e amorosas, que não visualizam apenas um caminho estagnado, mas um movimento cíclico infinito dos cotidianos-caos possíveis em se fazer docente rodante.

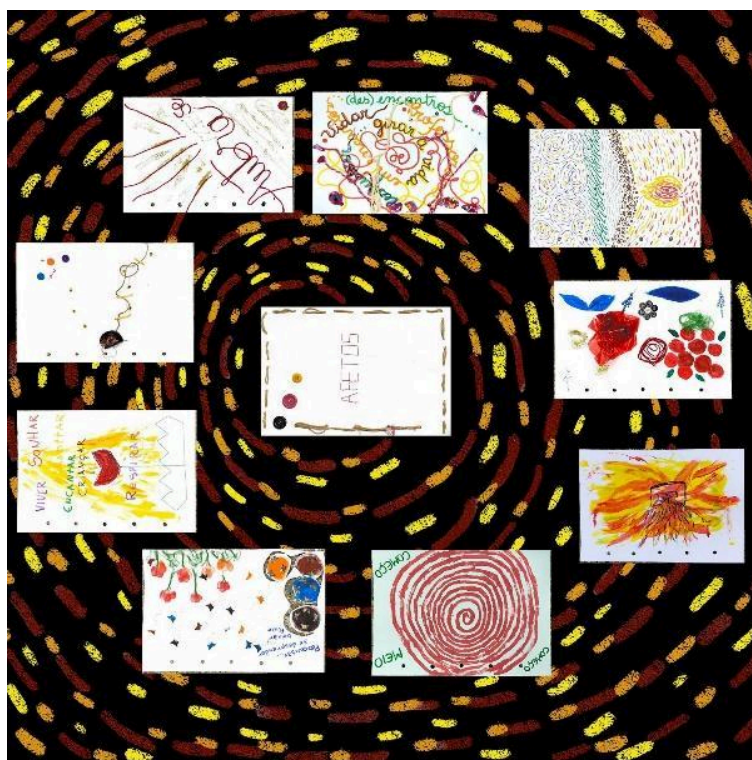
Dessa forma fomos convidados com os mais diferentes tipos de materiais, linhas, pincéis, tintas, tesouras, agulhas, lápis de cor, botões, madeiras, fitas, papeis, a materializarmos nossos



sentimentos naquele momento presente em um almanaque de afetos que foi costurado reunindo subjetividades.

Na composição desse almanaque fomos sentindo o que nossas docências desejam em suas ensinanças, tocamos as tintas, misturamos elementos, costuramos, bordamos e criamos nossos desejos. Fio a fio ritualizamos nossos afetos, sentindo a potência de unir as mais diversas docências, dessa forma, vemos os nossos desejos e guardamos os sentimentos para nossas docências, que aqui se espiralizam em uma composição-outra (Fig.4).

Figura 4: Experimentação Almanaque de afetos



Fonte: acervo das autoras, 2024.

Nossa docência flui como os espirais que circulam, mas não continuam no mesmo local. Ele vive-morre-vive em um ciclo infinito de renovações que cresce e se transforma. Nossas forças ancestrais compreendem esse movimento espiralado em energias femininas, que percorrem nosso corpo-território-encantado.

Os sonhos de nossas docências pesquisas mostraram os desejos de autorizar-se a movimentar-se em locais que antes não eram possíveis, assim como queimar como fogo que permeava na vela,



desprender, deixar fluir, espiralizar, multiplicar em vários pedaços, girar a vida, criar, sonhar, encantar, florir, voar e respirar.

Esses momentos foram sonhados de olhos abertos, experimentamos os sabores da vida mais doce, com uma docência que rodopia em volta de acontecimentos que se emaranham nas possibilidades de pensar a ciência pela coletividade com alegrias e amorosidade que é escrita em nossa constituição.

Nesse sentido, compreendemos que nossa docência rodopia com a gente, não é algo que está apenas acontecendo com a gente, mas sempre está em conjunto a nós. Estamos a todo momento sonhando, encantando esse cotidiano de ensinanças da vida e para a vida e na vida.

Giros sem fim...

Em giros sem fim, autobiografamo-nos. Brincando, rodando, rodopiantes, encantando, sonhando. Nesse espaçotempo de criações pensamos nas possibilidades de uma docência pelos menores. Somos cosmos, seres de afetos e desejos. Quando reduzimos a ciência a meras funções, perdemos sua estética, mas ao abrimos as portas para e rodarmos para novos conhecimentos, reinventamos novos modos de ser e de fazer ciência e docência nesses rodopios constantes.

Resgatamos esse encantamento e mobilizamos uma docência pesquisadora que se (re)faz, (re)cria, encantada pela vida e por viver. Pensamos uma ciência no plural, isto é, docência como espíritos insurgentes em devir, assim, compõe um corpo que não é apenas biológico, mas um corpo-afeto, um corpo imerso nas imanências afropindorâmicas.

Nos conectamos para brincarmos de rodar e conjuntamente a todas as diferenças nos divertimos e sonhamos. A partir de nossas metamorfoses cotidianas, procuramos meios de tornar a vida mais bela, buscando torná-la uma obra de arte.

O que me surpreende, em nossa sociedade, é que a arte se relacione apenas com objetos e não com indivíduos ou a vida; e que também seja um domínio especializado, um domínio de peritos, que são os artistas. Mas a vida de todo indivíduo não poderia ser uma obra de arte? Por que uma mesa ou uma casa são objetos de arte, mas nossas vidas não? (Foucault, 1994, p. 617).

E para viver uma vida em que possamos nos tornar obras de arte, enquanto mulheres vivenciando as violências cotidianas, precisamos nos unir em clarezas de que “a disputa entre uma visão ecológica e feminista e uma visão de mundo moldada pelo patriarcado capitalista está mais intensa



do que nunca” (Mies e Shiva, 2021, p.30), e considerar que as práticas de cuidado conosco precisam se amplificar a todas as mulheres, em espirais e redes de apoio e de solidariedade sem fim.

Bibliografia

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANDRADE, Nivea; CALDAS, Alessandra Nunes; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – Após muitas ‘conversas’ acerca deles. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SUSSEKIND, Maria Luiza (Orgs.), **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente**: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019. P. 19-45.

BENEVIDES, Nereida Tavares Neves; OLIVEIRA, Caroline Barroncas de; COSTA, Mônica de Oliveira. Sonhar um currículo -vida com professores em formação que ensinam ciências nos anos iniciais. **Revista Espaço do Currículo**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. e74462, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/74462>. Acesso em: 2 set. 2025.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu editora, 2023a.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. Somos da terra. In: CARNEVALLI, Felipe; REGALDO, Fernanda; LOBATO, Paula; MARQUEZ, Renata; CANÇADO, Wellington (org.). **Terra**: antologia afro-indígena. São Paulo: Ubu editora, 2023b.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Narrative Inquiry**: experience and story in qualitative research. Translation: Narrative Inquiry Group and Teacher Education ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

DANI-VI. **A Corpacha da Educação com Manoel de Barros**: en-cantações ameríndias e nomadismos cosmocorporais. 2024. Dissertação (Mestrado em Cultura, Filosofia e História da Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

ESTEVES, Natália. **Gargalhada, o giro da palavra desobediente**. São Paulo: Patuá, 2024.

FOUCAULT, Michel. À propos de la généalogie de l'éthique: un aperçu du travail en cours (entrevista com H. Dreyfus e P. Rabinow, segunda versão) in Dits et écrits(1980-1988). Paris: Gallimard, 1994.



FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3: O cuidado de si**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2022.

GAGO, Verónica. **A potência feminista, ou o desejo de transformar tudo**. São Paulo: Elefante, 2020.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, v. 18, n. 37, p. 25–44, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/JRMDwSmzv4Cm9m9fTbLSBMs/?lang=pt> Acesso em: 24.09.2023.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LINS, Cícero. Tempo de pipa. In: **Canções de Apartamento**. Rio de Janeiro: Gravação Independente, 2011. Suporte: Youtube (4:15). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=FX9s_RfEzJE. Acesso em: out. 2025.

MENEZES, Potyra Curione. **Focalizadores(as) de Danças Circulares Sagradas no Brasil em seus processos de form(ação)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências. Rio Claro, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/76037cd7-7cd7-42d8-8445-9868370d6b5a> Acesso em: 08.09.2024.

MIES, Maria; SHIVA, Vandana. **Ecofeminismo**. Trad. Carolina Caires Coelho. Belo Horizonte: Editora Luas, 2021.

OLIVEIRA, Caroline Barroncas de; COSTA, Mônica de Oliveira; AIKAWA, Monica Silva. Retrato da autobiografia enquanto coisa. **Revista ClimaCom: Ciência. Vida. Educação**, v. 10, n. 24, 2023. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/retrato/>. Acesso em: 20 out. 2025.

OLIVEIRA, Caroline Barroncas de; COSTA, Mônica de Oliveira; AIKAWA, Monica. Corpo-mulher amazônica: pesquisadoras na Filosofia da diferença. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 79, 2024. DOI: 10.12957/teias.2024.80279. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/80279>. Acesso em: 03 set. 2025.

OLIVEIRA, Caroline Barroncas de; VASCONCELOS, Fanuela de Oliveira; CARVALHO, Daniela Franco; COSTA, Mônica de Oliveira. Salve a todos os povos da Amazônia! **Caderno Seminal**, Rio de Janeiro, n. 51, 2025. Doi: <https://doi.org/10.12957/seminal.2024.84165>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/cadernoseminal/article/view/84165>. Acesso: out.2025.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Morula, 2019.



SILVA, Keitiana de Souza. **A estética da existência como ética possível**: Foucault e a reinvenção do sujeito. 2011. 98 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5585?locale=pt_BR
Acesso em: 10.07.2024.

SIMAS, Luiz; RUFINO, Luiz. **Fogo no Mato**: a ciência encantada das macumbas. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

STENGERS, Isabelle. **Uma outra ciência é possível**: Manifesto por uma desaceleração das ciências. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.

TRANCOSO, Déa. **Catimbó Zen**: existências compartilhadas – linhas de produção de clínica e educação entre uma filha da folha e os exus Zambarado e Calunga da Calunga Grande. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2024. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1411853>.
Acesso em: out. 2025.

VASCONCELOS, Fanuela de Oliveira; FRANCO, Natalia Francisca Pereira; Hannyn Barbara Alves Garcia; OLIVEIRA, Caroline Barroncas de; DE OLIVEIRA COSTA, Mônica. Cartografias circulares de uma encantaria na amazônia: entre convivências e afetos de suas ciências e educações. **Revista Entrerios**, v. 7, n. 2, p. 33-51, 2024.

Recebido em: 15/09/2025

Aceito em: 15/10/2025

[1] Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências na Amazônia (PPGEEC). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM). Email: nfpf.mca24@uea.edu.br

[2] Mestranda do PPGEEC. Bolsista FAPEAM. Email: hbagg.mca24@uea.edu.br

[3] Mestranda do PPGEEC. Bolsista FAPEAM. Email: fdov.mca24@uea.edu.br

[4] Mestranda do PPGEEC. Bolsista FAPEAM. Email: ntnb.mca24@uea.edu.br

[5] Doutora em Educação em Ciências e Matemática. Professora da Universidade do Estado do Amazonas. Email: cboliveira@uea.edu.br

[6] Doutora em Educação em Ciências e Matemática. Professora da Universidade do Estado do Amazonas. Email: mdcosta@uea.edu.br

[7] Doutora em Educação. Professora do Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia. Email: danielafranco@ufu.br



[8] Experimentação realizada no Grupo de Estudo e Pesquisa da Universidade do Estado do Amazonas que pesquisa com e na diferença, multiplicando modos outros de estar na docência e fazer pesquisa. Nesta experimentação, surgiram os giros dessa encruzilhada aqui narrados, posteriormente costurados em um almanaque, denominado *Almanaques de Afetos*, em que praticamos uma docência sensível, de corpo inteiro, ouvindo humanos, não-humanos e mais que humanos.

[9] Link para acessar a dança-experiência do grupo:
<https://drive.google.com/file/d/15J-hTaT8ujq7LCD6pWfMqHKdXKAkwHGq/view?usp=sharing>

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) pela bolsa e auxílio-pesquisa do Programa de Apoio à Pós-Graduação *Stricto Sensu* – POSGRAD – Edição 2025/2026, à Universidade do Estado do Amazonas (UEA), ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia (PPGEEC) e ao grupo de pesquisa Vidar em Intensões.